

HQueer: possibilidades de análise sobre diversidade nos quadrinhos¹

Queer comics: possibilities for analysis on diversity in the comics

Daniela Domingues Marino²

Universidade de São Paulo

 10.11606/2316-9877.2024.v12.e221642

Resumo

Algumas ações e publicações têm buscado suprir uma demanda crescente de estudiosos interessados nas aplicações das histórias em quadrinhos, desde cursos de extensão a eventos presenciais sobre os mais diversos temas, incluindo gênero e sexualidade. Assim, o que se busca com esse trabalho é sugerir possibilidades de análise de histórias em quadrinhos brasileiras que contenham representações LGBTQIAP+ ou sejam produzidas por autores que se identifiquem como tais à luz da teoria queer e outras teorias atuais nos Estudos Culturais, principalmente quando consideramos que essas questões têm enfrentado cada vez mais resistência para serem abordados em espaços que deveriam ser seguros para o aprendizado.

Palavras-chave: História em Quadrinhos – Crítica. Questões de Gênero. Teoria *Queer*

Abstract

Some actions and papers have sought to meet a growing demand for scholars interested in the applications of comics, from extension courses to face-to-face events on the most diverse topics, including gender and sexuality. Thus, what is sought with this work is to suggest possibilities of analysis of Brazilian comics that contain LGBTQIAP+ representations or that are made by artists that identify themselves as such in face of queer theory and other current theories in Cultural Studies, mainly considering that those issues have been facing a growing resistance to be addressed to in places which should be supposedly safe for learning.

Keywords: Comics review. Gender. Queer Theory

¹ Este artigo representa recorte de uma pesquisa bem mais ampla sobre os atravessamentos de gênero na crítica cultural, atualmente sendo desenvolvida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), sob orientação do Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da ECA/USP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. E-mail: dsdomingues@hotmail.com. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8713-2254>.

Introdução

É possível encontrar uma grande variedade de trabalhos que trazem análises diversas e sob diferentes vieses, que abordam as histórias em quadrinhos em seus vários suportes e gêneros narrativos. No entanto, uma fala do professor John Lent nas 2^{as} *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, que ocorreram na ECA em 2013, chamou a atenção para as lacunas na produção acadêmica brasileira, principalmente em relação aos aspectos do nosso mercado, de nossos leitores e do consumo de maneira geral.

Ainda que essas lacunas não sejam recentes e tenham sido preenchidas desde então, especialmente com a publicação de livros como *O Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil* (Vergueiro, 2017), outras ações buscam suprir uma demanda crescente (Callari; Gentil, 2016) de estudiosos interessados nas aplicações das histórias em quadrinhos, desde cursos de extensão a eventos presenciais, onde os participantes podem ter acesso a perspectivas interdisciplinares sobre os mais diversos temas, a exemplo do que ocorreu na *Bienal de Quadrinhos de Curitiba* em sua edição de 2023, que além da temática de gênero em toda sua produção, contou com painéis sobre a pesquisa acadêmica de quadrinhos no Brasil¹.

Quanto aos atravessamentos de gênero nas histórias em quadrinhos, há publicações recentes que aprofundam suas análises sobre tema, a exemplo do que foi feito por Gonzatti (2022) em sua tese de doutorado, de forma que as obras e seus artistas sejam registrados, referenciados e analisados. Para Vergueiro (2017, p.167),

[...] é importante assinalar o processo de segmentação que ocorre a partir das redes sociais, com a constituição de coletivos de autores com determinadas preferências temáticas ou de gênero. Assim, amplia-se a produção de quadrinhos realizada e destinada a mulheres, com o aparecimento de produtoras que refletem sobre sua realidade e produzem quadrinhos com características próprias, evidenciando as possibilidades de a Nona Arte atingir os mais distintos públicos.

¹ Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/letras/2023/09/02/gpoqt-na-bienal-de-quadrinhos-de-curitiba>. Acesso em 21 jun 2024

Assim, mesmo havendo autoras e autores que abordem a produção feminina de quadrinhos no Brasil, bem como histórias em quadrinhos que possuam representações LGBTQIAP+¹, o que se busca com esse artigo é um oferecer algumas possibilidades de análise crítica que tensionem gênero e sexualidade nas produções de quadrinhos brasileiros a partir da teoria *queer* e outras teorias atuais, a fim de refletir sobre critérios que considerem o lugar de fala de seus autores, o conteúdo das narrativas, em vez de apenas enaltecer produções de pessoas que, historicamente, sempre pertenceram a um grupo cujas características sociais e culturais se distinguem dos grupos aqui priorizados.

1 - A distinção de gênero

Para Bourdieu (1989), uma cultura dominante se dá por meio da legitimação de distinções que visam separar os indivíduos de acordo com o sistema de valores estabelecido pelos grupos de maior capital simbólico que buscam se definir pela distância que mantêm dos demais grupos (Lima, 2010). Nos quadrinhos, essas distinções podem ser observadas a partir de diversos elementos que constituem seu universo e a crítica especializada é um deles (Carvalho, 2013). Assim como ocorre nas demais esferas da produção humana, a crítica especializada é fortemente atravessada por questões de gênero e sexualidade, como observado pela autora deste artigo durante a coleta de dados para sua tese de doutorado. A partir do cruzamento entre a quantidade de ganhadores do troféu HQMIX entre os anos de 2016 a 2023 e a quantidade de resenhas e críticas que os autores receberam, além das respostas de leitores de quadrinhos aos questionários para avaliar o papel da crítica especializada em sua decisão de compra, as informações obtidas fornecem alguns dados para uma compreensão, ainda que parcial, desse papel.

Tais dados evidenciam que o gênero talvez não seja o principal fator para que uma história em quadrinho seja avaliada, pois a amostra indicou que independentemente do gênero e da sexualidade de seus autores, as produções com maior número de críticas em todos os anos são as *Graphics MSP*, seguidas de histórias em quadrinhos *mainstream* como as de super-heróis e de autores estrangeiros, corroborando as

¹ LGBTQIAP+: Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e demais sexualidades. A sigla tem aumentado ao longo dos anos à medida que o conhecimento sobre as mais diversas sexualidades se expande: LGBTQIA+ — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br). Acesso: em 21 jun 2024.

considerações de Carvalho (2013) sobre o papel das *Graphics MSP* como espaços de legitimação dos quadrinistas brasileiros.

Ainda assim, os atravessamentos de gênero, mesmo que não sejam evidentes à primeira vista, estão presentes na crítica especializada precisamente pelo fato de ela não existir isolada do contexto que está inserida e a partir da utilização de fontes diversas utilizadas na confecção da tese de doutorado, é possível aprofundar a conscientização sobre como e por que gênero é um fator presente e significativo. Becker (2009) entende os dados estatísticos e tabelas como relatos sobre a sociedade e o que esses dados nos sugerem é que alguns problemas para os quais muitos cientistas sociais buscam soluções são comuns a áreas diversas. Não à toa, é possível encontrar uma série de semelhanças entre as práticas e estruturas observadas nos quadrinhos que se repetem em áreas como o cinema, a literatura e as artes plásticas.

Como apontaram Messias (2018), Lage (2022) e Eugênio (2017), ainda que não houvesse ausência de histórias em quadrinhos produzidas por mulheres e pessoas LGBTQIAP+, seu alcance e visibilidade foram mais limitados; no entanto, a partir do fanzinato e da autopublicação, muitas artistas passaram a produzir e distribuir seus quadrinhos de forma independente. Com o advento da internet e das redes sociais, um salto importante foi dado quanto ao alcance e meios de publicação, propiciando que artistas pudessem expor seus quadrinhos a um número cada vez maior de pessoas (Messias, 2018), o que favorece a impressão de que nunca tantas pessoas diversas produziram quadrinhos como hoje.

Porém, ainda que haja maior diversidade no meio dos quadrinhos brasileiros, a baixa incidência de críticas em veículos especializados em histórias em quadrinhos sobre seus trabalhos e a existência de resenhas pouco ou nada lisonjeiras poderiam contribuir para a dificuldade de alcance desses artistas, se considerarmos a crítica especializada de histórias em quadrinhos como um espaço de validação cultural que possibilitaria o reconhecimento de suas produções como algo legítimo, de qualidade e de interesse do público leitor de quadrinhos de maneira geral, não apenas como produtos de nicho voltados para o público específico.

Isso significa dizer que mesmo que haja espaços dedicados à análise, crítica e divulgação das histórias em quadrinhos produzidas por mulheres e pessoas LGBTQIAP+, esses espaços são mantidos por agentes sociais que não gozam da mesma “respeitabilidade” e alcance que os críticos de sexo masculino possuem. Nesse sentido, é possível inferir que um dos fatores que ainda dificultaria maior inserção

dessas pessoas no mercado de quadrinhos é a forma como seus quadrinhos são avaliados - quando o são -, pelos críticos de maior poder simbólico dentro do campo em que atuam.

O campo é um dos conceitos básicos na obra de Bourdieu (1989) e ele pode ser definido como um espaço de práticas específicas e relativamente autônomo (Lima, 2010), dotado de uma história própria e que é estruturado pelas relações objetivas entre os integrantes dos grupos que concorrem entre si de acordo com as posições que ocupam dentro do campo, sejam eles agentes ou instituições, e de acordo com os seus interesses. Se os conflitos também são elementos constitutivos do campo, Carvalho (2013) destaca que muitos desses conflitos são notáveis ao observarmos as interações dos agentes no meio dos quadrinhos à luz de Bourdieu, pois tais agentes não gozam da mesma importância relativa no campo, uma vez que alguns possuem maior capital simbólico que outros: “Os sujeitos que se encontram em posições privilegiadas nesse campo não fazem simplesmente um uso imparcial desse capital, mas o utilizam para sustentar sua posição dominante” (Carvalho, 2013, p. 1).

Essa distinção levaria os agentes com maior influência a constantemente fazerem uso de sua autoridade simbólica para justificar sua posição privilegiada, enquanto os agentes que não gozam do mesmo status buscariam meios de subverter essa hierarquia com ações alternativas, como as publicações e eventos exclusivos criados para dar maior visibilidade a quem não possui capital simbólico ou associações que possibilitem a sua circulação nos espaços de poder. Em outras palavras, se historicamente as referências existentes são compostas por obras produzidas majoritariamente por integrantes de um mesmo grupo, que se distingue dos demais em função de um capital simbólico e cultural; se a produção desse grupo reflete tais capitais simbólicos e culturais e marca sua posição no espaço social, os elementos pelos quais sua produção é avaliada são característicos e se distinguem de elementos encontrados em produções de grupos que não possuem acesso ao mesmo capital simbólico e cultural. Dessa forma, um grupo que ao longo da história não só produziu, mas também avaliou diversas produções a partir de parâmetros e critérios cujas referências foram suas próprias obras, poderia avaliar de maneira justa o valor das produções de grupos que se encontram em sua oposição no espaço social? Afinal, para manter sua dominância, o grupo dominante precisa continuar se distinguindo dos demais e uma das formas de fazê-lo é garantindo que as produções, os gostos, as práticas de quem se encontra em outros setores do espaço social continuem distantes dos seus por meio de um sistema de valores que os

agentes de maior poder simbólico e cultural determinam, definindo que elementos que não sejam constitutivos desse espaço de poder sejam considerados inferiores, ilegítimos ou de “nicho”.

Um bom exemplo de como o meio dos quadrinhos reproduz uma lógica heteronormativa pode ser observado a partir das críticas em sites e canais especializados em histórias em quadrinhos quando se referem às produções LGBTQIAP+, às mulheres ou a outras minorias sociais e étnicas, como as infundáveis críticas de canais como *Ei, Nerd*¹, *Central HQs*² e que são constantemente denunciadas por páginas como *Jamesons*³ e *Mina de HQ*⁴. Como a maioria dos críticos é de homens héteros cis e brancos, apenas esses marcadores seriam suficientes para indicar algumas tendências em seus discursos, porém, ao longo da confecção da tese de doutorado até o momento, há questões relacionadas ao capitalismo e ao preço de algumas histórias em quadrinhos, além da prática de envio de obras por parte das editoras a esses críticos, que têm sido observadas.

A produção de quadrinhos LGBTQIAP+ existe e é profícua: em sua segunda edição presencial, a *POC CON*, feira de quadrinhos e artes gráficas, reuniu 119 artistas *queer* e um público de um pouco mais de 5.000 pessoas no dia 18 de junho de 2022⁵. Uma das atrações mais esperadas foi a sessão de autógrafos da quadrinista Luiza de Souza (Ilustralu), artista *queer* do Rio Grande do Norte, cuja história, *Arlindo*, teve uma das campanhas de financiamento coletivo mais bem sucedidas do *Catarse*.

Arlindo conta a história de um adolescente gay no interior do Rio Grande do Norte e que se apaixona por um colega da escola, porém, ao contrário do destino dado a muitos personagens LGBTQIAP+ retratados por pessoas hétero cis, sua história não é um drama onde um dos personagens gays morre. É uma história acolhedora, sobre amizade, primeiro amor, esperança e que é narrada de forma despretensiosa e muito divertida (Ilustralu, 2022, fig. 1). Não à toa, a fila para conseguir o autografo da autora dava voltas dentro do evento.

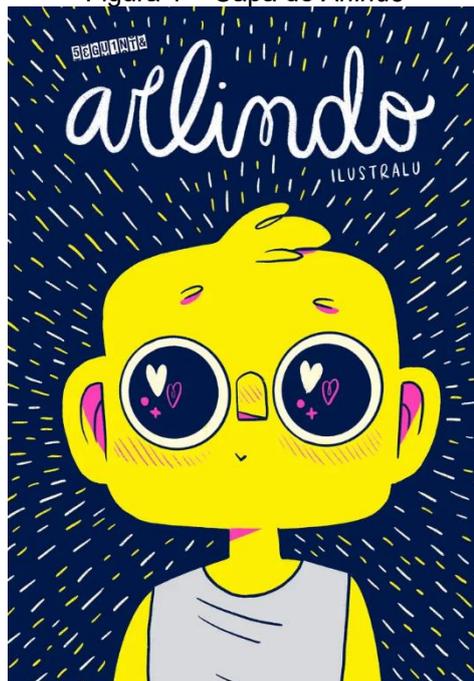
¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhAqjTsOgZI>. Acesso em: 06 maio 2024.

² Disponível em: [\[16+\] A Origem do Mundo. Uma História Cultural da Vagina ou a Vulva Vs. O Patriarcado \(youtube.com\)](#). Acesso em: 21 jun 2024

³ Disponível em: [Jamesons \(@SiteJamesons\) / X \(twitter.com\)](#). Acesso em: 06 maio 2024.

⁴ Disponível em: www.minadehq.com.br. Acesso em 21 jun 2024.

⁵ Disponível em: <https://poccon.com.br/> Acesso 06 mai. 2024.

Figura 1 – Capa de *Arlindo*

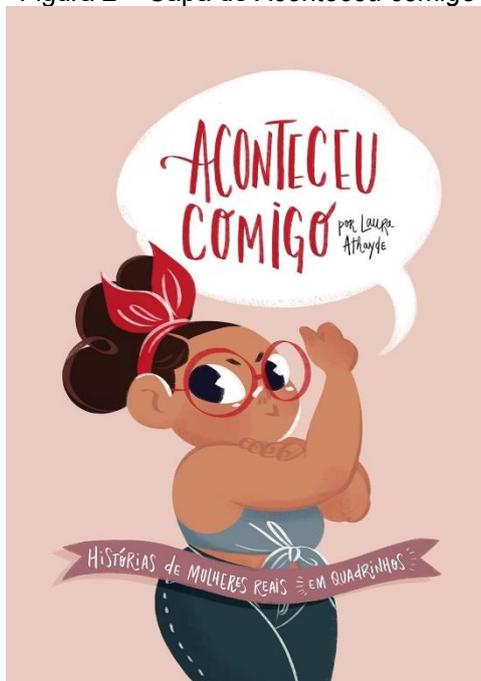
Ilustralu, 2022. Disponível em: [Arlindo \(HQ por @Ilustralu\) - Resenha \(metagalaxia.com.br\)](#). Acesso em: 24 jun. 2024.

Para Preciado (2011), a heterossexualidade não atua apenas como uma prática sexual, mas como um regime político que faz parte da administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica. Isso significa dizer que o reforço do discurso heterossexual pode acontecer em qualquer âmbito onde não haja o pensamento crítico sobre as vivências *queer*. Ou seja: não bastaria que as pessoas hétero consumissem as produções LGBTQIAP+ para que mudanças significativas na forma como elas são recebidas acontecessem, se elas não possuírem repertório para compreender essas narrativas. Esse repertório pode ser construído a partir de diversas práticas que vão desde uma educação de gênero no ensino fundamental a vivências pessoais dos leitores, leitura de materiais que privilegiem uma perspectiva inclusiva de gênero ou por meio de clubes de leitura, como os que são promovidos pelo site *Mina de HQ* ou os que foram realizados pela livraria *Itiban*, de Curitiba, durante o período de divulgação da Bienal de Quadrinhos. Questionários realizados com os participantes desses clubes de leitura, no intuito de levantamento de dados para a tese, indicaram que leitores que se identificam como homens hétero passaram a refletir sobre temas que não consideravam antes e também sentiram que os encontros os ajudaram a desenvolver mais empatia em relação aos temas abordados (Marino, 2023).

Essa percepção pode ser evidenciada não só pelas considerações de Lage (2022) ao longo de sua tese sobre a coletânea de tiras feita por Laura Athayde,

Aconteceu Comigo (2020, fig. 2), como pelos retornos que a própria Laura obteve em diversas ocasiões e que foram expostos em dois clubes de leitura que tanto Lage como a autora deste artigo participaram, além dos diversos painéis com autores LGBTQIAP+ nas edições da *POC CON* e que podem ser conferidos no canal do evento¹. Nos clubes de leitura promovidos *pela Mina de HQ* (03 de novembro de 2023) e pelo *Itaú Cultural* (21 de setembro de 2022) Laura afirmou que, entre as críticas que recebeu às tiras, que são baseadas em fatos enviados por mulheres de diversas regiões do Brasil, as que lhes chamaram mais atenção foram as de homens cis que alegaram que várias das histórias de violência sofridas pelas mulheres não eram verossímeis, entregando a falta de contato de seus interlocutores com a realidade vivenciada por mulheres brasileiras. Em ambas as situações, algumas participantes chegaram a se emocionar e agradecer à artista por se sentirem retratadas, reforçando o quanto essa coletânea (Athayde, 2020) costuma tocar quem se vê representado nela, ainda que uma busca no *Google*² não tenha retornado uma única resenha produzida por homem cis ou por canais com grande número de seguidores.

Figura 2 – Capa de *Aconteceu comigo*



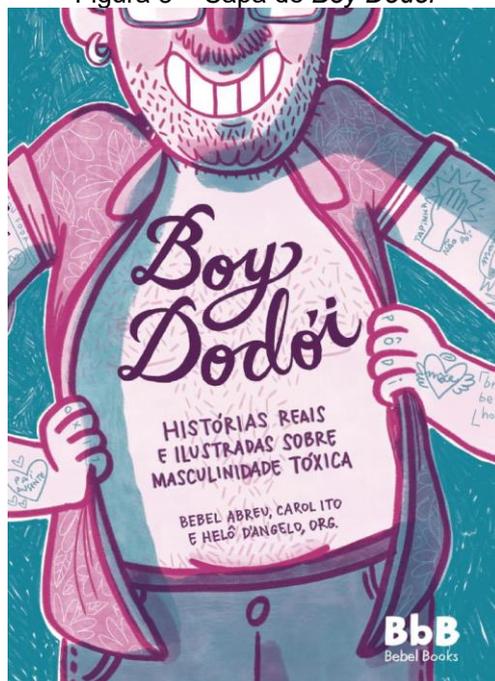
Athayde, 2020. Disponível em: [Aconteceu Comigo - Livro • Mina de HQ - Histórias em quadrinhos mais diversas](#). Acesso em: 24 jun. 2024.

¹ Disponível em: [\(205\) Poc Con - YouTube](#). Acesso em 06 maio 2024.

² Busca realizada em 07 de maio de 2024 a partir das palavras-chave: Aconteceu Comigo + Laura Athayde + Resenhas.

Mais recentemente, a coletânea *Boy Dodói*, organizada por Bebel Abreu, Carol Ito e Helô D'Ângelo (2023, fig. 3), recebeu não só comentários muito negativos de homens nos posts de divulgação das artistas, como também ameaças, que foram compartilhadas pelas próprias quadrinistas em suas páginas no *Instagram* e na página da editora. O livro, que assim como o de Laura Athayde também se baseia em relatos reais de mulheres e os retrata de maneira cômica, obteve boas vendas entre homens cis na Bienal de Curitiba (2023) como as autoras afirmaram nos painéis que participaram. Em grande parte, a repercussão entre os leitores foi positiva, o que não exclui a tendência do viés de gênero nas análises como observado por esta autora durante em sua pesquisa de doutorado sobre os atravessamentos de gênero na crítica cultural.

Figura 3 – Capa de *Boy Dodói*



Abreu; Ito; D'Ângelo, 2023. Disponível em: [Boy dodói: Histórias reais e ilustradas sobre masculinidade tóxica | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br/Boy-dodói-Histórias-reais-e-ilustradas-sobre-masculinidade-tóxica/dp/9786508000000). Acesso em: 24 jun. 2024.

No intuito de possibilitar novas formas de olhar as produções femininas e LGBTQIAP+, os estudos de gênero costumam ser uma ferramenta utilizada por pesquisadores de histórias em quadrinhos cujas pesquisas buscam também tensionar as questões tratadas aqui. Muito embora os estudos de gênero tenham oferecido discussões e termos que possam contemplar os fenômenos sociais a partir da margem, ou seja, que busquem compreender e oferecer soluções para os problemas relacionados às diversas opressões infligidas a integrantes dos grupos historicamente

subalternizados, Scott (1990) apresenta algumas perspectivas sobre o tema que podem responder à necessidade de se estabelecer o que queremos dizer quando nos referimos ao termo gênero.

Scott discute a utilização do termo gênero para além das categorias gramaticais e denuncia os problemas de nos prendermos a termos históricos, problematizando a ausência de uma linguagem que contemple as questões de gênero de maneira mais ampla e menos binária. Assim, se, por um lado, conhecer os aspectos históricos das relações a partir das concepções de sexo nos ajudaria a compreender suas estruturas a fim de subvertê-las, uma vez que entendemos que elas representam um sistema de opressões e de relações desiguais de poder, portanto, problemas sociais a serem corrigidos, por outro, as concepções mais modernas sobre gênero tampouco conseguem dar conta de explicar como e por que determinados problemas ocorrem.

Na concepção linguística, que diz que não há significado sem que exista antes uma linguagem, a ausência de termos que contemplassem determinadas vivências no passado dificulta a compreensão de como elas eram significadas e estruturadas dentro das relações, talvez porque registros sobre elas não sejam abundantes. Essa perspectiva dialoga com o que autores da Ciência da Informação postulam sobre como o apagamento de pessoas integrantes de certos grupos dos registros históricos acaba por apagá-las também da história. Frohmann afirma que não pode haver informação sobre um tipo X, se o tipo X não existir: “E se o tipo não pode existir sem documentação, então a documentação é necessária para que haja informação sobre ele” (Frohmann, 2016).

Isso porque toda história registrada nas mais diversas produções humanas é uma história das ausências. É por isso que teóricos e estudiosos de gênero se debruçam sobre essas ausências a fim de corrigi-las, alguns deles entendendo o termo gênero a partir da proposta de Scott: como um guarda-chuva que abarca existências diversas que são marcadas pela violência causada por esses apagamentos, ainda que os níveis de violência sofridos por cada grupo sejam diferentes.

A discussão sobre gênero é perpassada, invariavelmente, pelos espectros político e filosófico que nos possibilitam o desenvolvimento do pensamento crítico necessário para a compreensão de que o outro só existe em contraponto a um “eu” que se pensa universal, mas que, na verdade, não o é.

Os quadrinhos, produtos estabelecidos dentro de uma lógica da cultura de massa, refletem o contexto em que estão inseridos, como qualquer manifestação humana,

artística ou não. Isso significa dizer que grande parte dessa produção, especialmente a *mainstream*, reproduz, em maior ou menor grau, valores e ideologias de uma minoria dominante que, por sua vez, reproduzem dinâmicas opressoras como o racismo, machismo e a LGBTfobia, por exemplo.

Ainda que a representação da diversidade tenha sido inserida em quadrinhos como *X-Men* desde os anos 1960 e atualmente de forma um pouco mais evidente (Gonzatti, 2022), são as narrativas biográficas ou não ficcionais autorais, antes conhecidas como *underground* ou alternativas, por apresentarem discursos contra hegemônicos, que possibilitam que as pessoas historicamente apagadas falem a partir de suas vivências e dos lugares e não-lugares (Augé, 2012) que ocupam o espaço social.

2 - Lugar de fala e outras possibilidades

Embora o termo “lugar de fala” tenha diferentes origens, seu sentido mais recorrente no Brasil foi popularizado pela filósofa Djamila Ribeiro (2017). Ribeiro busca esclarecer equívocos frequentemente associados ao termo, como por exemplo a ideia de que quando o negro reivindica para si uma fala, as pessoas acreditam, automaticamente, que o lugar de fala se refere à não possibilidade de qualquer outra pessoa falar sobre situações que afligem a população negra. De acordo com Lélia Gonzalez, citada por Ribeiro, essa é uma visão essencialista também presente na academia quanto à produção intelectual de pessoas que fazem parte de grupos oprimidos, como se ao falarem a partir de seu local social, sua fala não seria neutra, pois

Quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal é o branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento (Ribeiro, 2017, p.10).

A importância de se refletir sobre o lugar de fala a partir das experiências e vivências de cada um se refere ao fato de que as pessoas possuem perspectivas a partir do lugar que ocupam na pirâmide social, ou seja, essas pessoas possuem repertórios distintos que as aproximam de determinadas produções, uma vez que pessoas

integrantes dos grupos dominantes se distinguem de quem está na base da pirâmide justamente por estabelecerem padrões estéticos, sociais, culturais, que as distanciam dessa base.

Portanto, não se trata de apenas pessoas negras poderem falar sobre personagens negros ou mulheres sobre mulheres etc. O que se busca com a aplicação de conceitos como o de lugar de fala nas histórias em quadrinhos é que pessoas integrantes dos grupos dominantes reconheçam repertórios diversos como legítimos e válidos, e que busquem adquirir tais repertórios para que suas críticas possam também disponibilizar o acesso a várias camadas de uma obra a seus leitores. Não só isso, é preciso que pessoas diversas sejam incluídas nos espaços da crítica especializada de forma mais recorrente, não apenas pontualmente para falar de temas específicos, e que essas pessoas também tenham alcance suficiente para chegar aos leitores que não costumam se ver representados nas críticas mais contumazes.

No intuito de possibilitar esses acessos, um dos percursos metodológicos que pode ser articulado na produção e análise de histórias em quadrinhos é a Produção Horizontal de Conhecimento – PHC. De acordo com Berkin (2020), a produção horizontal do conhecimento é uma proposta para uma investigação que dialoga com as diversas formas de entender o mundo. “Assumir que os envolvidos nos problemas também possuem soluções nos leva a equilibrar as formas de escutar, responder e enfrentar no diálogo os problemas que ameaçam a vida social” (Berkin, 2020, p. 11).

Isso porque o diálogo tem sido performado, historicamente, dentro de relações de poder que, entre outras coisas, visam posicionar aquele a quem o discurso é dirigido como um subordinado, um ser inferior, o que, de acordo com Judith Butler (Mondal, 2014), acontece no próprio ato de falar, o que sugere que um discurso em si pode ser violento ou ofensivo justamente porque carrega em seus significados um histórico de opressões. Por isso, a proposta de Berkin prevê uma horizontalização de saberes em oposição às hierarquizações produzidas em relações a partir das posições sociais que seus interlocutores ocupam.

Nesse sentido, a maior incidência de análises e produções diversas que levassem em consideração a percepção de autores como Butler e Berkin, subverteria as narrativas pejorativas sobre certos grupos de forma que percepções aprofundadas sejam mais facilmente assimiladas pelo senso comum e favoreçam mudanças significativas na forma como os saberes são hierarquizados e há teorias, para além da teoria *queer*, que, ao serem aplicadas na análise de histórias em quadrinhos,

possibilitariam um olhar mais inclusivo em relação aos critérios de avaliação utilizados até então.

A linguagem, bem como os discursos possibilitados por ela, tem sido o foco de investigação de autores aqui citados, como Preciado (2011), Scott (1990) e Butler (*apud* Mondal, 2014); afinal, é por meio da articulação da linguagem por meio de discursos performados por agentes de um meio que tais agentes buscam manter sua dominância sobre os outros ou alcançar uma certa posição. Essa luta constante por posições e objetos diferencia os agentes entre “pretendentes” e “dominantes”, sendo o primeiro grupo formado por aqueles que estão entrando no campo e buscam alcançar determinada posição e, o segundo, por agentes que buscam manter uma posição já estabelecida (Carvalho, 2017). São essas relações de força que guiam o comportamento de cada um dos agentes de acordo com suas posições dentro do campo e isso significa, por exemplo, que quanto maior o capital legitimado que um agente possui, mais chances de ser ouvido e, conseqüentemente, de se manter na posição de poder em que se encontra.

Embora esses antagonismos nos ajudem a compreender as disputas que ocorrem nos mais diversos campos, Olson (1997), recorre a Spivak¹ (2010, publicado originalmente em 1985) e classifica esses “antagonismos” como binarismos que reforçam uma polarização que é nociva para quem está à margem, propondo que um processo de desconstrução seja feito na produção de conhecimento para que o viés de gênero não seja tão acentuado. Esse processo parte da identificação desses binarismos em certos discursos (Olson utilizou artigos da Ciência da Informação); em seguida, ela sugere que os termos que reforçam o masculino universal nessas produções sejam questionados e, por fim, substituídos por termos neutros ou femininos. O intuito dessa prática é gerar conscientização sobre tendências que se firmaram como normas na produção científica e acadêmica e que acabam ajudando a moldar uma visão de mundo que naturaliza a ausência de metade da população mundial nos registros e documentos, mas poderia facilmente ser aplicada tanto aos discursos reproduzidos nas histórias em quadrinhos como na crítica especializada, o que indicaria a recorrência com que a perspectiva masculina e heteronormativa é reforçada.

Olson (1997) também questiona a forma como a informação tem sido registrada e recuperada ao longo dos séculos e denuncia o binarismo decorrente do viés de gênero

¹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

encontrado na área. Por isso, uma possível chave para a compreensão de como o binarismo enaltece critérios e perspectivas consideradas naturalmente masculinas em detrimento de tudo que é feminino (aqui é possível incluir pessoas LGBTQIAP+ em oposição à heteronormatividade), é a crença, ainda atual, de que tudo que é do campo da razão pertence aos homens e, portanto, estes seriam mais capazes de analisar o que quer que fosse a partir de uma perspectiva objetiva, técnica e, supostamente neutra. Nesse sentido, as mulheres seriam excluídas do campo da razão, e com elas, todos que se distanciam do ideal cis-hétero masculino, e o homem se configura como o termo normativo (dominante). Ou seja, enquanto o “Homem” pode conhecer “a verdade universal”, a “mulher” não pode atingir a “racionalidade”. E sendo a racionalidade a norma, as mulheres e pessoas LGBTQIAP+ não podem evitar a dominação enquanto a razão/emoção e o sujeito/objeto binários permanecem inquestionáveis (Olson, 1997).

Destarte, podemos inferir, a partir das considerações dos autores aqui elencados, que o conhecimento é socialmente localizado e isso implica em diversos marcadores que o situam em um determinado campo ideológico e cultural (García Gutierrez, 2006); por isso, os estudos decoloniais têm sido responsáveis por recuperar conhecimentos que não eram considerados socialmente ou academicamente válidos. Isso é feito por meio do reconhecimento de que narrativas orais são também registros importantes da história e da cultura de sociedades cujos valores atribuídos a eles não residia na noção ocidental que a sociologia tinha sobre documentação. Ainda assim, é por meio do registro, físico ou virtual, que é assegurado a certos grupos sua existência histórica; porém, ainda que a universalidade nessas produções seja incessantemente buscada e tratada como ideal, ela é na verdade inalcançável e o esforço em atingi-la, é, por si só, excludente (Olson, 1997).

3 - Desfazendo o gênero

Além das considerações de teóricos dos estudos feministas, *queer* e decoloniais sobre o olhar em relação aos discursos reproduzidos em várias obras, é por meio do contato com produções diversas que podemos observar como as análises críticas de autores que se identificam com grupos minorizados, ou pertencentes a eles, poderiam favorecer maior aprofundamento dessas críticas, ou no mínimo, olhares não-hegemônicos, conferindo acesso a camadas de certos quadrinhos que outras análises não alcançariam, justamente porque uma parte da crítica especializada tem se

dedicado a produzir vídeos sobre quadrinhos *mainstream* que podem ser comprados via links afiliados de sites como a Amazon¹, em vez de análises mais detalhadas de narrativas diversas.

Nesse sentido, algumas publicações atuais, brasileiras e estrangeiras, nos oferecem perspectivas pelas quais podemos ressignificar a realidade ao nosso redor, principalmente se pensarmos que ao longo de toda vida fomos expostos a produções que apagavam essas existências ou as representavam de forma pejorativa.

É possível citar alguns exemplos recentes de uma produção de quadrinhos LGBTQIAP+ que não só trazem representação de diversidade de gênero e sexualidade, como também seus autores estão alinhados com os estudos *queer*: lançada em 2020, a coletânea *Quadrinhos Queer* (Irineu; Borges; Sme, 2020) traz em suas 500 páginas diversas colaborações em textos acadêmicos e histórias em quadrinhos produzidas por artistas e autores LGBTQIAP+. Entre as considerações dos participantes podemos destacar esse trecho:

Este espaço autobiográfico vem para fortalecer uma narrativa identitária que não tange apenas ao seu autor, mas a toda uma comunidade à qual pertence e com a qual se identifica. A união entre imagem e texto proporciona, além de tal construção narrativa e discursiva, a presença e a visibilidade próprias da imagem. Podemos não nos dar conta disso, mas, para o autor e para o público LGBTQ+, é essencial, além de se ler, ver-se desenhado nos quadrinhos. A representatividade encontra, na narrativa autobiográfica, a chance de avançar as discussões sobre identidade de gênero e sexualidade através da análise de quadrinhos. Torna-se cada vez mais importante que não percamos essa potência de vista, buscando sempre, enquanto autores ou leitores, uma produção consciente de seu contexto social e cultural, mas também comprometida com sua qualidade artística. (Zouvi, 2020, p.14)

Diana Salu, quadrinista trans que além do seu trabalho independente também costuma participar de coletâneas como os *Quadrinhos Queer*, questiona os padrões impostos na representação de corpos trans e propõe uma reflexão em forma de tiras (Salu, 2020).

Mais recentemente, a coletânea de tiras de Alison Bechdel (*Você é minha mãe*, 2013; *Fun Home*, 2018), *O essencial de perigosas sapatas* (2020, fig. 4) retrata o cotidiano de mulheres lésbicas que fogem aos estereótipos fixados no imaginário

¹ Disponível em: [\(126\) LINKS AFILIADOS DEVERIAM SER PROIBIDOS? - YouTube](#). Acesso em: 16 abr. 2024.

coletivo por possuírem personalidades e aparências tão diversas quanto se é possível imaginar, indicando que a realidade é muito mais plural do que estamos acostumados a ver nas produções mais comerciais.

Figura 4 – Capa de *O essencial de perigosas sapatas*



Bechdel, 2020. Disponível em: [O essencial de perigosas sapatas | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br/O-essencial-de-perigosas-sapatas/). Acesso em: 24 jun. 2024.

Estes são apenas alguns exemplos de produções que conseguem ir além da representação da diversidade, pois, em seu cerne, trazem também discursos possibilitados pelos estudos *queer* de maneira acessível, como os que são apresentados por autoras como Aline Zouvi, Diana Salu e Helô D'Ângelo que produzem muitas de suas obras a partir da leitura de livros teóricos sobre gênero, como elas mesmas confirmam ao compartilharem seus processos criativos em suas redes sociais¹. A julgar pelo número crescente de participantes em antologias e eventos específicos para autores e público LGBTQIAP+, a análise mais detalhada sobre os possíveis fatores que impedem que suas produções sejam citadas em artigos acadêmicos e críticas especializadas poderá ser conferida após a conclusão da tese em andamento.

¹ Disponíveis, respectivamente, em: <https://www.instagram.com/alinezouvi/>; <https://www.instagram.com/diana.salul/>. e <https://www.instagram.com/helodangeloarte/>. Acesso em: 21 jun 2024.

Considerações finais

Ainda que os artistas não tenham a obrigação de atuar de forma didática, seus quadrinhos e livros acabam cumprindo um papel que deveria ser da crítica especializada e de outras instituições que deveriam representar espaços seguros para todos. Ainda que os artistas não tenham a obrigação de atuar de forma didática, seus quadrinhos e livros acabam cumprindo um papel que poderia ser da crítica especializada e de outras instituições que deveriam representar espaços seguros para todos. Além disso, algumas iniciativas, sejam elas acadêmicas ou não, têm surgido na tentativa de amplificar o alcance dessas obras, mesmo que ações como o *Comicsgate* - ação coordenada entre leitores de quadrinhos, influencers e artistas -, tentem impedir qualquer representação de diversidade nas histórias em quadrinhos por meio de ataques orquestrados às redes sociais dos artistas que o fazem (Miorando, Marino, 2024).

Por isso, apresentar conceitos atuais que possam dialogar com estudos acadêmicos de histórias em quadrinhos possibilita uma intersecção de conhecimentos que pode favorecer uma maior compreensão acerca de como os critérios de análise de produções LGBTQIAP+ geralmente utilizados em análises jornalísticas ou acadêmicas são excludentes e nada imparciais.

Tanto os estudos decoloniais, como os feministas e os *queer* têm servido de fundamentação teórica para diversas linhas de pesquisa em sociologia, literatura, ciência da informação, principalmente a partir da compreensão de que a ciência, tanto qualquer outra esfera da produção artística ou intelectual, nunca foi neutra e a busca por uma suposta neutralidade acabou favorecendo integrantes de certos grupos sociais em detrimento de outros

Nesse sentido, ao conhecermos conceitos como lugar de fala, alteridade de discurso, produção horizontal de conhecimento, entre outros, temos acesso a novas chaves de análise que nos possibilitam um olhar mais empático e atencioso para com produções que tragam representações mais diversas do que estamos acostumados a apreciar, seja em relação às histórias em quadrinhos ou qualquer outra produção cultural que subverta o *status quo* por meio da representação da pluralidade que existe no mundo.

Referências

ABREU, Bebel; ITO, Carol; D'ÂNGELO, Helô. *Boy dodói: histórias reais e ilustradas sobre masculinidade tóxica*. São Paulo: Bebel Books, 2023.

ATHAYDE, Laura. *Aconteceu comigo*. São Paulo: Balão Editorial, 2020.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papyrus Editora, 2012.

BECHDEL, Alison. *O essencial de perigosas sapatas*. São Paulo: Todavia, 2021.

BECHDEL, Alison. *Fun home*. São Paulo: Todavia, 2018.

BECHDEL, Alison. *Você é minha mãe*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2013.

BERKIN, Sarah Corona. *Producción horizontal del conocimiento*. Alemanha: Bielefeld University Press, 2020.

BECKER, Howard S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALLARI, Victor; GENTIL, Karoline Kunieda. As pesquisas sobre quadrinhos nas universidades brasileiras: uma análise estatística do panorama geral e entre os historiadores. *História, histórias*, v. 4, n. 7, p. 09-24, 2016.

CARVALHO, André Pereira de. O campo dos quadrinhos no Brasil sob a ótica Bourdieusiana. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2^{as}, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://jornadas.eca.usp.br/anais/2asjornadas/Artigo Andre Pereira de Carvalho.htm> Acesso em: 06 maio 2024.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. *O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31102017-123128/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2018.

EUGÊNIO, Jéssica Daminelli. *Elas fazem HQ! Mulheres brasileiras no campo das histórias em quadrinhos independentes*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/183629?show=full>. Acesso em: 06 maio 2024.

FROHMANN, B.. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S.L., MARTELETO, R.M., LARA, M.L.G. de. *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica Ed.; Marília: Fundepe Ed., 2008. p. 17-34.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A.L. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 18, n. 4, p. 93-111.

Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1758>. Acesso em: 06 maio 2024.

GONZATTI, Christian. Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil? Cibercontecimentos pop e a guerra semiótica sobre gênero e sexualidade na cultura nerd. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11055>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ILUSTRALU. Arlindo. São Paulo: Editora Seguinte, 2022.

IRINEU, Ellie; BORGES, Gabriela; SMEE, Guilherme (orgs). *Quadrinhos Queer*. Florianópolis: Skript, Florianópolis, 2020.

LAGE, Nara Bretas. *Aconteceu comigo: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens), - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. *Cógitó*, Salvador, n.11, p. 14 -19, out. 2010

MARINO, Dani. Clube de leitura de HQ e a empatia: HQ sobre parto humanizado é debatida por participantes do clube de leitura e ajuda a desenvolver empatia. *Mina de HQ* [site]. Publicado em: 11 maio 2023. Disponível em: <https://minadehq.com.br/clube-de-leitura-de-hq-e-a-empatia/>. Acesso em: 20 maio 2024.

MESSIAS, Carolina Ito. *Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22022019-150556/pt-br.php>. Acesso em: 06 maio 2024.

MIORANDO, Guilherme Sfredo; MARINO, Daniela dos Santos Domingues. A bandeira dos Estados Unidos sobre a cultura brasileira: Yara Flor, a Mulher-Maravilha brasileira e questões de representação cultural. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, n. 22, 2024.

MONDAL, Anshuman A. *Islam and controversy: the politics of free speech after Rushdie*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

OLSON, Hope A.; FOX, Melodie J. Gayatri Chakravorty Spivak: Deconstructionist, marxist, feminist, postcolonialist. In: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. (ed.). *Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines*. USA: Bloomsbury Publishing, 2010. p. 295-310.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, p. 11-20, 2011.

PRECIADO, B. Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, p. 11-20, janeiro-abril, 2011.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Letramento, 2017.

SALU, Diana. Então Você quer escrever personagens trans? In: IRINEU, Ellie; BORGES, Gabriela; SMEE, Guilherme (orgs). *Quadrinhos Queer*. Florianópolis: Skript, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 15, n. 2. 1990

VERGUEIRO, Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

ZOUVI, Aline. O espaço autobiográfico nos quadrinhos queer brasileiros. In: IRINEU, Ellie; BORGES, Gabriela; SMEE, Guilherme (orgs). *Quadrinhos Queer*. Florianópolis: Skript, Florianópolis, 2020.

Recebido em: 29.03.2024.

Aprovado em: 19.06.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional